

JÁ CAMÕES NÃO SOU! A IMPOSSIBILIDADE DE CENTRALIDADE PARA BOCAGE NO CAMPO LITERÁRIO NO SÉCULO XIX.

Elias J. Torres Feijó

Grupo GALABRA – Universidade de Santiago de Compostela
fgtorres@usc.es

As várias vias da popularidade de Bocage

Bocage foi extremamente popular em vida no campo literário da altura e, mais em concreto, no espaço social lisboeta. Falta ainda por estudar as posições que ocupava nesse campo, em função dos grupos sociais que aderiam ou não às suas obras, embora tudo pareça indicar que eram diversos os seus públicos, usufruindo diferentes mecanismos de consagração e legitimação, talvez até contraditórios entre si, conforme a classe de obras e os modos em que as difundia ou eram difundidas. Dessa popularidade contam as elegias e poemas em geral a ele dedicadas após a sua morte, e as imediatas compilações que delas circularam, informando-nos do interesse comercial que podiam chegar a ter. A pobre economia dos seus últimos dias, pode ver-se um pouco aliviada pela venda dos seus *Improvisos* e a *Collecção dos novos improvisos de Bocage na sua molestia, com as obras, que lhe foram dirigidas por vários poetas nacionaes...*, ambos os dous na Imprensa Régia, que, com a Tipografia “Rollandiana”, era a editora que dominava o panorama na altura, a mesma que publica no ano seguinte a compilação de Thomaz Antonio dos Santos e Silva *Collecção de poezias à memoria de Manoel Maria Barbosa du Bocage, hum dos melhores poetas portuguezes, etc.*, de 79 páginas, e o *Drama alusivo ao caracter e talentos de Manuel Maria de Barbosa du Bocage* do bocageano na escrita José Eloi Ottoni, só por collocarmos algumas amostras da imediata popularidade de Bocage da mão de dous prolíficos autores contemporâneos, em Portugal e no Brasil.

Outra índole de testemunhos da época também afirma esse reconhecimento. Lord Beckford anotava, em 8 de Novembro de 1787 (2003), ser Bocage “o mais extravagante e talvez o mais original dos poetas que Deus criou”. Almeno Tagideo declarava-se “apaixonadíssimo elogiador e admirador do seu estro” na elegia dedicada à “deplorável morte do insigne poeta M.M.B.”, onde o considera “sábio”, poeta de “bom gosto”, “sem rival”, ou filósofo profundo e augura-se-lhe “fama imortal”. Nela é colocado ao lado de Camões e Ovídio, e proclamado “honra de Portugal”.

Certamente, nestes e noutros textos contemporâneos, percebe-se igualmente a crítica mais ou menos encoberta ao seu modo de vida, pensamento e mesmo a composições cujo conteúdo erótico era considerado pecaminoso, muitas das quais sofrêrom e prolongárom a censura muito tempo depois da sua morte. Também assomárom críticas como as de José Agostinho de Macedo, que, se antes elogiara Bocage como poeta fecundo e de talento, falando do seu “divino canto”, virá depois, e antes da sua definitiva reconciliação, a satirizá-lo pelo seu orgulho sem medida, a sua ousadia, a sua soberba e o facto de querer ser “um déspota em poesia” como lemos na sua *Satira dirigida pelo Padre J. Agostinho de Macedo, ao bem conhecido poeta M. Maria Barbosa Du Bocage*, que conheceu várias edições. Censurava, aliás, a produção bocageana como pobremente trabalhada, obra dum “fanfarrão glosador” que só procurava o “aplauzo fácil de ignorantes”, desqualificando-o como poeta de aluguer, “intérprete de outros”, reduzindo a sua obra à glosa e à tradução medíocre, vendo na sua técnica umha “fastidiosa cruel monotonia”, sentenciando: “lido um verso teu lidos todos”. Esta linha crítica é em parte continuada por Almeida Garrett a quem, contando seis anos à morte do poeta, chegárom com nitidez os ecos do poeta famoso. Se o ataque de Macedo se produzia desde a rivalidade e a contemporaneidade, já a do autor do *Camões* bebia nas fontes românticas contrárias ao exalçamento dumha poética (e dumha ideo-

logia) setecentista julgada como carente de originalidade e vitalismo. Garrett deixava nos seus escritos o testemunho de um Bocage alvo do entusiasmo geral da sua época, particularmente entre a juventude, um entusiasmo, di o autor do *Frei Luís de Sousa*, que “degenerou em cegueira, em mania, não lhe viam já defeitos, menos ele em si mesmo” (Garrett, 1826-1834: 52-53). Garrett é igualmente crítico com a sua metrificaçom e os seus moldes poéticos que censura por repetitivos embora os valorize como perfeitos. E fará umha distinçom, entre a sua obra por encomenda e a alegadamente feita em liberdade (que julga como de maior qualidade), que terá fortuna, chegando à sua culminaçom em opinions como a de Olavo Bilac, que, aliás, o considera mestre por excelência do soneto, o seu continente e conteúdo mais prezados, numha conferência por ele ditada no Teatro Municipal de São Paulo (Bilac, 1917)

Será, no Brasil e em Portugal, contínua a reediçom ou nova ediçom das suas obras, por vezes acompanhadas de avisos propagandísticos como o que em 1813 anunciava *o livro que tem por título verdadeiras ineditas obras poeticas de Manoel Maria de Barboza du Bocage*, (que em 1843 sairá já como quarta ediçom na Nevesiana) provocando as *Considerações mansas sobre o quarto tomo das obras metricas de Manoel Bocage, accrescentadas com a vida do mesmo/* do Pe. José Agostinho de Macedo, saídas da Imprensa Régia, no mesmo ano, quiçá o primeiro esboço biográfico post-mortem do poeta, a que seguirá o de José Maria da Costa e Silva *Obras poeticas... precedidas de um discurso sobre a vida e escriptos d'este poeta, ornada com o seu retrato*, publicado na mesma cidade de Lisboa na Imprensa de J.B. Morando, em 1820. Som particularmente reeditados, além das suas traduçons, os seus *Idilios, Mágoas amorosas*, e evidencia-se um interesse manifesto polos seus improvisos, motes e glosas, como mostram as ediçons de *Quadras, motes, improvisos, décimas e colcheias glosadas* na Rollandiana, 1825 e na Imp. Régia em 1842. Todo este processo culmina, numha primeira etapa e como é sabido, com a recolha exaustiva e sistematizaçom de I. F. da Silva, conformando os seis volumes das Poesias do autor em 1853, editadas por A. J. F. Lopes, *Colligidas em nova e completa edição, dispostas e anotadas por I. F. da Silva e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva* (que traça o paralelismo com Camões). – A compilaçom encontra continuidade no Porto com as ediçons da Imprensa Portugueza, entre 1875 e 1876 das *Obras poeticas de Bocage*, em oito tomos em 4 volumes, que incluem o texto *Bocage, sua vida e epocha litteraria* de Theophilo Braga, nos números 26 e 27.

Logo começárom também a aparecer recolhas de poesias inéditas, com a sua dose de apocrifia, e a ser abundante a ediçom de poemas satíricos, como soltos ou compilaçons. A “Pavorosa illusão” era editada em Londres em 1837. *As Poesias satiricas inéditas [...] collegidas pelo professor ... Antonio Maria de Conto, e pelo mesmo anotadas - 2ª ed. mais correcta e aument.*, saíam em 1840 da lisboeta Tipografia A. J. da Rocha em 1840, conhecendo dous volumes diferentes. E em 1854 saem em, pretensamente, Bruxelas, as *Poesias eroticas, burlescas e satyricas de M. M. de Barboza du Bocage não compreendidas na edição que das obras deste poeta se publicou em Lisboa, no anno passado de MDCCLIII*, que conhecerám numerosas ediçons. Na “Advertencia preliminar” deste volume dim os compiladores, anónimos, note-se-, na sua página 3:

Constou que muitas pessoas, que subscreveram para a recentissima edição das Poesias de Bocage, publicada em Lisboa, e concluida já no anno corrente, desejosas de possuir tudo o que saiu da penna de tão peregrino engenbo, como que se lastimavam de não poderem juntar áquella collecção para a tornar completa, as obras do mesmo auctor, que por tratarem de assumptos anti-religiosos, ou pouco conformes á decência e moralidade dos públicos costumes, foram (ao que parece) com acertado fundamento omitidas na referida edição.

Advertindo, de todo o modo, que essas obras andam já ‘por aí’ em papéis avulsos, prosseguem indicando que estas composições som (p. IV)

outros tantos documentos indispensaveis para se avaliar cabalmente o merito do poeta- e para completar o desenho das diversas feições moraes do seu retrato; atendendo principalmente a que, conforme a reflexão já feita por um juiz competente, se as poesias licenciosas de Horacio são os seus unicos versos sem espirito, pelo contrario as de Bocage bastariam de per si a dar-lhe o nome e credito, se estes podessem provir de tal genero, ou se a sua gloria não estivera cimentada em mais firmes e seguros alicerces.

Esta ediçom, que explicitamente duvida que alguns dos textos propostos sejam da autoria de Bocage, abre com “A Ribeirada”, e inclui, entre as composições “Eróticas não comprehendidas” nas edi-

çons prévias (p. 92 a 127) sonetos com inícios como estes: “Vai cagar”, “É pau (? é para?)” “Cagando estava”, “Eu foder putas?”, ilustrativos do seu conteúdo escatológico e pornográfico.

Convém nom perder de vista, precisamente, este agrupamento da poesia erótica com a burlesca e satírica, porque, em minha opinião, pudo chegar a condicionar fortemente a recepção de Bocage: na proximidade de perspectiva e temática, inclinou a balança receptiva para o terreno da piada picante e do picaresco, e ocultou outra produção bocageana. E ter presente que esta linha será a de maior popularidade bocageana. O facto é que a figura de Bocage começa a ser utilizada como emblema da chalaça, da sátira e do humor. Da Tipografia portuense de Manoel José Pereira saiu entre 1865 e 1867 o Bocage: *piparotes litterarios*. (n.º 1, 1.º de Agosto), que, no seu primeiro “Cavaco sério”, afirma:

O cavaco, introdução, symphonia d'abertura, ou como em portuguez melhor nome haja, começa por pedir ao leitor, em nome dos proprietarios do “Bocage”, que não embigue no título.

Esta folha chama-se “Bocage” como poderia chamar-se André ou João Fernandes. O ponto estava em levar na frente um nome illustre, que valesse por si mais que um programma, e lhes fosse a todo o tempo garantia do seu proceder. O do grande repentista ajustou de molde, não desfazendo nos Andrés e Joões Fernandes illustres, que são muitos; por esse motivo foi.

Não commetteremos a imprudencia de dizer ao leitor quem era Manoel Maria Barboza du Bocage. Seria pical-o na sua propapia de homem lido, e temos para nós que não é preciso dispôr de grandes nem pequenos cabedae litterarios para se saber que especie de sujeito fóra Elmano.

Deixemo-nos de historias. Bocage, o primeiro vulto da Arcadia, o poeta popular, o improvisador galhofeiro, o sonetista inimitavel, de quem o Snr. Castilho dissera que “com elle nasceu e com elle morreu o soneto portuguez”, Bocage vive na mente de todos, e no coração de muitos portuguezes

[...] O que elle promete é rir á farta dos besouros litterarios, que por abi enxameam as imprensas, e obrigar o leitor sisudo a descer do pedestal da usa gravidade e a rir com elle. Não lhe deve querer mal por isso.

Veja-se como se colocam dous níveis diversos de recepção da obra de Bocage. De um lado está o conjunto de parâmetros legitimado polos consagradores centrais no campo literário português, no que se refere à consideração da Arcádia e do sonetista, reforçado pola *autoritas* mais importante na altura, Castilho. De outro, a da popularidade e do seu carácter galhofeiro, que enlaçam mais com umha recepção do humorismo e da piada ausentes daqueles parâmetros e mais próximos dos esquemas populares alheios às normas daquele campo.

Como exemplo do reforço da veia piadesca com que Bocage e a sua obra eram encarados, já o número 2 do quinzenário abre o seu Cavaco com umha anedota em que é citada umha quintilha satírica do poeta. O activíssimo jornalista satírico e redactor destes piparotes, Urbano Loureiro, ainda retoma o nome do poeta em 1867 para o seu Bocage: *annuario de cacholetas*, que vincula, por “parentesco muito íntimo” com aqueles *piparotes litterarios*. O anuário tem como coluna vertebral a crítica social e, sobretudo, literária da actualidade, com óptica burlesca e satírica.

O paralelismo com Camões

Este uso emblemático para um objectivo satírico de “o primeiro vulto da Arcadia”, (“o poeta popular, o improvisador galhofeiro, o sonetista inimitavel, de quem o Snr. Castilho dissera que ‘com elle nasceu e com elle morreu o soneto portuguez’”, que “vive na mente de todos, e no coração de muitos portuguezes”, de que fala Loureiro) limita com a derivação do poeta como protagonista de anedotas e piadas, na memória também de nom poucos portugueses¹. É um fenómeno comum a várias comunidades ocidentais (Pedrosa, 2003), em que um escritor, célebre no seu espaço social e/ou, às vezes, conhecido polas suas produções satíricas ou de índole escatológica, é personagem central deste tipo de fórmulas. Neste caso, Bocage partilha popularidade e protagonismo com Camões, num paralelismo que vem juntar-se ao explicitado por Bocage na sua obra e ao caracterizado por alguns editores e críticos ao longo do século XIX. Da Rollandiana sai em 1824 o folheto *A Morte de D. Ignez de Castro*

1 E de nom poucos brasileiros, particularmente nordestinos, e ao lado de Camões, como espelha a tradição da literatura de cordel (SANTOS, 1993).

contada por Manuel Maria du Bocage a que se junta um episódio do mesmo assunto do imortal Luiz de Camões. E a celeberrima, na primeira metade do século XIX, Nova Castro de João Baptista Gomes Júnior sai na edição de 1848 da Livr. J. P. Aillaud, que se distinguia pela sua introdução de obras românticas em Portugal e que já publicara umha *Colleção d'epistolas eroticas e philosophicas*. - Paris: J. P. Aillaud, 1834. - VIII, 80 p. ; 12°. - Sublinhando-se na continuação que “Contém: Pavorosa illusão da eternidade/por Bocage. - A voz da razão”.

O processo paralelístico entre ambos poetas foi extremamente impulsado ao longo do século XIX. Carlos Cunha, no seu valiosíssimo estudo sobre *A Construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*, refere como Bocage é *canonizado* (2002:393-394) por analogia de vida com o poeta renascentista por parte de vários construtores românticos: as semelhanças som assentadas na ideia do poeta pobre e malfadado, do incompreendido, vítima dumha sociedade grosseira, perseguido, naufrago até.

O, por Loureiro, aludido Castilho, principal poder consagrador no campo literário português das décadas de 40 a 70, será elo importante nesse paralelismo. Seus fôrom vários escritos e iniciativas em relação a Bocage que salientaram esse vínculo, em ocasiões tendo como parceiro seu irmão José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, quem no mesmo 1867 publicava no Rio de Janeiro três volumes subordinados ao título *Manoel Maria du Bocage seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua: excerpts*. Esta publicação estava na sequência da incentivo que os dois irmãos promoveram no sentido de erigir um monumento ao poeta do Sado e que fora iniciada a 15 de Setembro de 1865 no Rio, durante as comemorações do centenário do seu nascimento (cfr. Quintas, 1993), o que prova a popularidade de Bocage no Brasil. No mesmo ano em que o seu irmão publicava esses três volumes, saíram umhas *Cartas do Ex.^{mo} Sr. Antonio Feliciano de Castilho e da Camara Municipal de Setubal a respeito do monumento a Bocage*, em que aquele saúda a iniciativa do “monumento ao Cisne do Sado” (p. 2). Castilho cita escritores que julga serem os “eleitos cuja verdadeira vida principia na sepultura”, colocando o nome do poeta ao lado de (p. 3), “os Shakespeares, os Molières, os Schillers, os Cervantes, os Camões e os Bocages”. Na continuação, aprofunda no paralelo entre Camões e Bocage (carregado meu):

Fallei de Camões e Bocage. Que de ponto de contacto entre estas duas glorias nacionaes! [...]. Com quasi dois seculos de meio de distancia nascem de familias honradas, mas de pouca fortuna, os dois maximos cantores portuguezes, no prazo precisamente em que mais uteis podiam ser, como exemplares á lingua e poesia nacional (p. 3).

“Bocage, outro Messias litterario, ofusca, dispersa, quasi anniquila de todo a sinagoga arcadica (p. 3).

Camões e Bocage são pois ainda hoje dois mestres; mas o segundo, por mais abegado a nós, mestre para mais aproveitamento (p. 4).

A Camões e a Bocage vá pois a vida pobre, atormentada, trabalhosa. Quem sabe se a contraria os não afogaria! (p. 5).

Amores: qual dos dois levará nisto a palma ao outro? Nem um nem outro é Petrarcha para uma só Laura, ou Dante para uma só Beatriz, a quem ame viva, e a quem ame dobradamente depois da morte.

[...] Não amam a uma formosa, enleva-os a formosura; ardem por mil; adoram a todas; a feminidade sob qualquer forma ou nome, é o seu iman perpetuo (p. 6)

E, depois de citar o poema “Camões, grande Camões, quão semelhante”, diz:

E ainda então, Senhores, o vosso cantor, o vosso Camões II, não sabia quantas mais semelhanças com o grande homem o aguardavam no futuro. Como elle havia de experimentar por leviandades a amargura expiatoria do carcere; como elle, havia de chegar a ver a Patria numa grande crise, suprema dor para um coração portuguez!

[...] o que eu ouvira a meu proprio pai, não poeta, porem juiz muito competente em coisas litterarias: -que o improvisador Elmano fóra ainda muito maior na facilidade e felicidade da improvisação, que nos seus versos esmerados para a luz publica (p. 10).

Castilho chega mesmo a produzir um anacronismo nom infrequente nele: chama a Ovídio o “Bocage romano” (p. 12).

Já em 1871, sairá publicado em Lisboa o soneto que Castilho escrevera “Na inauguração do monumen-

to a *Bocage em Setúbal*” em 21 de Dezembro desse ano, com motivo do “Sexagesimo sexto aniversário do falecimento do poeta”, que começa por sublinhar: “Tu que nos revelaste a magica harmonia/ na lyrica nacional de ti latente”².

O paralelo entre Camões e Bocage tinha ainda alguns outros reforços: é o caso do uso do soneto como mecanismo de expressom, que contribuía sem dúvida para colocar Bocage como o primeiro ou segundo sonetista da história literária portuguesa. Essa atençom ao soneto está por trás das ediçõs que, exclusivamente desta forma poética, som feitas da obra bocageana, e que circulam já na década de 70 por Portugal e o Brasil, onde, por exemplo e em 1877, sai uma antologia subintitulada “Ediçom cuidadosamente revista e precedida do retrato e da biographia do poeta”.

O juízo de Teófilo a/sobre Bocage.

Em 1875, sai à luz o primeiro estudo pormenorizado no campo da crítica literária portuguesa de que Elmano Sadino é alvo no período de regulaçom oficial do ensino liceal: o livro *Bocage e a sua época litteraria* de 1875, obra dum Professor que reunia já bastante prestígio na altura, Teófilo Braga, era, com efeito, e além dos esboços biográficos anteriores e do estudo de Rebello da Silva, a primeira focagem extensa sobre o poeta. De alguma maneira, (umh-)a nova *auctoritas* no campo pronunciava veredicto sobre Bocage e, consequentemente, sobre a legitimidade da sua alargada popularidade; veredicto que começa assim (1875: 5):

O povo portuguez só conhece o nome de dois poetas, Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias de Tasso, ou os romanos as cançonetas de Salvator Rosa, porque entre nós deuse uma constante separaçom entre o escriptor e o povo, mas porque de Camões sabe a lenda do seu amor pela patria, e de Bocage repete uma ou outra anedota picaresca. No entanto a aproximaçom instinctiva d'estes dois nomes infunde um sentimento que leva a procurar se existe alguma verdade n'esta relaçom, que, uma vez determinada, será um seguro criterio para avaliar Bocage.

A citaçom recolhe e reconhece o prestígio popular de Bocage. O paralelismo entre os dous autores mantém-se, mas a assimetria é crescente, numha espécie de quase anti-castilhismo implícito, na inversom de algumas apreciaçõs de António Feliciano. Teófilo enfrenta precisamente a estimaçom popular e perante “o povo vao” que “perde opiniom”, impom a sua crença como legitima. A citaçom situa Bocage bem aquém da excelência atribuída a Camões: um é conhecido polo patriotismo, outro por umha vida devassa. Para Teófilo, som o autor d’*Os Lusíadas* e o seu maior canonizador, Garrett, pola sua “sublimidade” e polo seu “sentimento da nacionalidade”, as duas grandes figuras da história literária portuguesa. Bocage, nom (1875: 6-7):

[...] entre Bocage e Camões existe uma conformidade de situaçõs na vida, que em certa forma deviam imprimir aos seus genios uma physionomia analoga ás identicas impressõs. O grande épico era descendente de um solar da Galizga, e Bocage era oriundo de uma familia franceza. Está hoje comprovado que o genio de uma raça só chega a ser bem compreendido e expresso pelo elemento estrangeiro que se assimilou a ela. Na renovaçom do Romantismo em Portugal, coube a Garrett a missom iniciadora, e Garrett era descendente de uma familia ingleza dos Açores. Bocage, na realidade, representa um espirito atropiado por um meio intellectual estreitissimo, verdadeira imagem do espirito nacional, vigoroso e fecundo cretinizado pelo obscurantismo religioso e pelo cesarismo monarchico. É o representante mais completo do seculo XVIII, em Portugal, com o seu erotismo e bajulaçom aulica, com a galanteria improvisada e com os lampejos revolucionarios; Camões representava o espirito da grande Renascença, e a consciencia historica da nacionalidade. Difierem e estão a grande distancia por isto. Bocage, sempre enfatuada da sua personalidade, ao comparar os seus desastres com os de Camões, prostra-se com uma modestia sublime. Como Camões, elle teve uma mocidade culta mas dissipada; como Camões, um generoso impulso o fez seguir a vida das armas e ir militar em Gôa; como elle, foi perseguido na metropole das colonias indianas e refugio-n-se em Macau;

2 Sublinhado meu. Note-se que, mesmo num discurso de altíssimo exalçamento do poeta, a *questom literária naciona(ista)* aparece nom como plenitude, mas como prólogo dumha culminaçom futura. É oportuno indicar que esta será umha ‘falha’ importante no expediente de canonizaçom de Bocage.

por ultimo, ao chegar á patria viveu em lucta com os poetas seus contemporaneos, e, como a Camões, tambem lhe roubaram os manuscritos dos seus versos; Camões morre na indigencia, celibatario e doente, á sombra de sua velha mãe, e Bocage, em eguaes circumstancias, acompanhado po uma pobre irmã. Tudo isto torna de uma luminosa verdade o soneto que começa

*Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!*

Mas, frente a Camões, Bocage, na opinião de Teófilo, produto do seu tempo, tempo corrompido, não foi capaz de sobrepor-se às suas circunstâncias:

A mesma relação estabelecida pelo vulgo, tambem foi aqui presentida por Bocage. Era uma organização igualmente impressionavel e fecunda, mas o seculo era mais decaído, a tradição nacional estava apagada, a missão do poeta estava reduzida a ser-se commensal de uma nobreza estulta, devota e corrompida.

Bocage era vítima da lógica positivista e do programa político e historiográfico de Teófilo, cujo apriorismo necessariamente o conduzia a não singularizar em Bocage nenhuma das virtudes nacionais que esse seu programa político e de acção perseguia. Concede, assim Teófilo (1875: 9):

No estudo de Bocage deve partir-se do que elle poderia ter sido, para se não ser injusto julgando sómente o que elle foi. É por isso que a relação estabelecida entre Camões e Bocage é um criterio; Camões é grande porque contrariou o seu tempo e lhe impoz um ideal que já não pode extinguir-se – o sentimento da nacionalidade; Bocage foi o dilecto da sociedade do seculo XVIII, porque se acabou ás proporções d'esses mesquinhos interesses, á busca de um applauso transitorio. Na litteratura em vez de representar uma aspiração humana, tem apenas o logar que lhe dá, não a arte, mas o ter agradado a uma sociedade extincta e o ter sido o poeta cesáreo do antigo regimen.

Eram as ideias provindas do organicismo gerado no século XVIII, e impulsionado fortemente pelo romantismo, as que alimentavam esses *juízos epocais* de Teófilo, que tanto sucesso conheceram no campo da crítica literária desde o século XIX até aos nossos dias. Luiz A. Rebello da Silva (1877: 86 e 176; *apud* Cunha, 2002: 134), a propósito de Bocage, firmava opiniões similares: “O que lhe faltou foi a época e os homens. Podendo como hoje aspirar a tudo, seria tudo, porque a sua força residia no talento; “A Elmano, para ser o primeiro depois de Camões, talvez não faltasse senão uma época própria”.

A concepção da literatura e a sua história de Teófilo, triunfante de modo extraordinário na altura e mesmo na actualidade, perspectivava os autores como representantes de determinados valores ou ideias/ideais que, por sua vez, deviam ser canalizados à escola e ao grande público em geral. Nesse sentido, Bocage não poderia representar mais do que uma época considerada obscurantista e regressora, ou então representar-se a si mesmo, o que era quase pior, tendo em conta a maneira em que a sua vida foi vivida ou, melhor, contada, contrária à moral imperante.

O magistério de Teófilo Braga restringia o processo de canonização bocageana, na sequência de autores anteriores, como os casos citados de Garrett, Herculano ou, especialmente, Rebello da Silva³ (1848, 1857, por exemplo). Era valorizado, mas como dependente: émulo sem fortuna de Camões, carente da sua grandiosidade e apuramento, ou precedente do Romantismo posterior, ‘falta de época’ em que desenvolver o seu talento. Assinalava o carácter relativamente ilegítimo em que assentava a sua popularidade, só justificada por parâmetros de medida que não podiam encontrar co-relato com os usados no campo da crítica literária, antes pelo contrário. Camões gozava de popularidade e reconhecimento merecidos. Bocage, não. O povo, tantas vezes invocado como emblema e residência pristina da nacionalidade, errava (mais um dos habituais paradoxos românticos), mesmo em querer representar e em Bocage e não em quem os dominadores do campo determinavam, Camões, mesmo apesar dos alegadamente representados. Se o que se contava da vida de Bocage, os seus textos tidos por obscenos ou pornográficos, o seu uso humorístico – eram factores que funcionavam na sua contra nos domina-

³ Rebello da Silva foi artífice de algumas das ideias fulcrais que vingaram sobre Bocage, particularmente a da *insuficiência* bocageana, de não poder ser considerado um grande, e menos à par de Camões, por viver numa época decadente e corrupta.

dores no espaço social e no campo literário da altura, a apreciação e *controlo de qualidade* que Teófilo realizava situava-o numa posição já relativamente secundária no cânone português. Havia, aliás, outro juízo que transitava inerente à recepção bocageana: a ideia de que Bocage popularizara a poesia, o que já encontramos em Herculano (s.d.) e em Rebello da Silva (1848), dous arquitectos do romantismo português. Essa popularização, deduz-se, funciona como implícito- nom poderia ter-se feito sem perder o elemento de sublimidade e selecção que os românticos construíram como singularidade do bom poeta, espelhado no caso luso no Camões d’*Os Lusíadas* e inatingível para Bocage. Processo que tam bem servirá à construção política e nacional de Teófilo Braga e os seus parceiros nessa tarefa.

Reflexo de todo isso será o seu *Manual da Historia da litteratura portugueza desde as suas origens até ao presente*, de 1875, em que Braga aparece como “Professor de Litteraturas modernas, e especialmente de Litteratura Portugueza, no Curso Superior de Lettras” e em que se indica ter sido esta sua obra “approvada pela Junta consultiva de instrução publica, para os cursos do 3º anno de portuguez dos Lyceus, por despacho de 28 de Abril de 1875”⁴.

A obra apresenta-se como resumo do “longo trabalho da Historia da Litteratura Portugueza” e o seu alcance pode ser apreciado já desde o Prólogo. Nele motiva a publicação da obra impulsionado por relevantes estudiosos estrangeiros e polos professores de liceu, “que se queixam da falta de um livro elementar que satisfaça as necessidades do ensino nas aulas de Oratoria, Poetica e Litteratura, aonde a historia da litteratura nacional está reduzida á relação de alguns nomes de escriptores”. Cita os nomes do Lyceu de Lisboa, do de Castello Branco, de, repare-se, Simões Dias⁵, do Liceu de Viseu, dos do Funchal, Viana do Castelo, e de algum director de estabelecimentos particulares de ensino.

Convém, no mesmo Prólogo, reparar na explícita concepção da literatura, e dos seus usos e funções, que Braga manifesta:

A reforma do ensino da Litteratura deve partir da conclusão a que chegou a sciencia moderna: que o estudo das creações intellectuaes não se póde fazer em abstracto, é necessario nunca abandonar a comunicação directa com os monumentos explicando-os e apreciando-os pelas suas relações historicas com o meio e circumstancias em que foram produzidos. O estudo das litteraturas feito nas vagas generalidades conduz a essas receitas rhetoricas de trópos, que tiram seriedade ás mais altas concepções do espirito humano. Na instrução de um paiz deve entrar com toda a sua importancia um elemento nacional; no ensino fundado nas ócas abstracções nunca esse sentimento se desperta; pelo desenvolvimento historico, mostrando como se chegou á unidade systematica de qualquer sciencia; é que se póde imprimir uma direcção justa e um vivo interesse nos espiritos que desabrocham

E junta, nos seus “Preliminares” esta declaração nacional da concepção e estudo da literatura:

Dá-se o nome de Historia da Litteratura ao complexo das creações sentimentaes e intellectuaes em que o gráo de consciencia que um povo teve das condições vitaes da sua nacionalidade, chegou a ser revelado.

A litteratura de um povo é sempre a mais clara expressão do seu genio nacional: a feição popular da raça, ou o character ethnico, dá esse colorido privativo das inspirações de cada litteratura.

A mutua relação entre a tradição nacional e a interpretação artistica constitue o bello nas obras de uma littera-

4 A primeira sistematização efectiva para o ensino nos liceus tem lugar em 1872 (*Diário do Governo* de 10 e 11 de Outubro), sendo Primeiro Ministro Fontes Pereira de Melo e Director Geral de Instrução Publica António Rodrigues Sampaio. A representação da Arcádia nesses Programas e notável, e, no conjunto canónico que se deduz dos poetas recomendados para leitura, salientam os setecentistas: Ferreira, Sá de Miranda, Camões, Garção, António Diniz da Cruz e Silva, Bocage, Filinto, Tolentino, Garrett e Castilho. Quantitativamente, o peso da denominada “Escola classico-franceza” é notável, quantitativamente superior aos outros dous períodos ‘fortes’ do cânone estabelecido, quinhentismo e o romantismo: 7/5/1 autores no Programma de Litteratura portugueza e 3/5/2 nas leituras poéticas. Dedicarei um próximo trabalho a estudar precisamente os usos e funções de Bocage no ensino do século XIX a partir dos programas oficiais e dos manuais recomendados por estes, em que Bocage é progressivamente reduzido à fábula (como atestam os livros de instrução primária desde o último quartel do século XIX) e ao soneto moral fundamentalmente: poesia para crianças e condizente com a construção nacionalista e a moral burguesa dominantes na altura.

5 Simões DIAS foi um exitoso autor de manuais escolares, a começar polo seu *Compendio de poetica e Stylo*, que saíra no mesmo ano que a reforma governamental do ensino dos liceus, e que, juntamente com os seus *Curso elementar de litteratura portugueza* e *Manual de composição litteraria* aparecem recomendadas nas sucessivas disposições educativas oficiais ao longo do século XIX. Colaborou com Teófilo e a comissom de homenagem a Camões ao propor ao Parlamento que esta fosse oficial.

tura

Esta relação entre a nacionalidade e a língua, e a dependência em que estão para a forma scripta, basta para nos mostrar o alcance do estudo da história de uma litteratura. O estudo de qualquer língua pode ser feito independentemente do critério litterario, sob a direcção puramente philologica ou glottica; a litteratura estuda-se tambem separadamente segundo as obras artisticas, as correntes de imitação, e as feições moraes de cada epocha ou de cada grande individualidade. Mas, nas litteraturas neo-latinas, explicar o problema da formação das línguas romanicas, é explicar conjunctamente o genio das raças que transparecem em cada litteratura, é descobrir o espirito popular ou vulgar que reagiu contra a absorpção litteraria do latim classico, como observou Frederico Schlegel, finalmente, é filiar essa litteratura no grupo congenito que imprimiu á civilisação moderna uma determinada feição.

A tradução para manual das suas concepções sobre literatura reiteram o expresso sobre Bocage no estudo a este dedicado. Com estes parâmetros, os interesses de Teófilo e a sua concepção da literatura nacional (e, sobretudo e antes, da nação) não deixavam muito espaço ao século XVIII, e, tampouco e conseqüentemente, a Bocage. Sendo a literatura concebida como expressão dum período determinado, o juízo que o período mereça será o que mereça a sua literatura. O setecentismo não figurava entre os grandes momentos da história portuguesa para Teófilo. Era, como sabemos, concebida como época de degenerescência, declínio e decadência. Quanto muito, então, podia conceder um certo *genio* a alguns escritores, mas a estes, prisioneiros do seu tempo, só poderia ser dado entrever, nunca (a)firmar.

Na distribuição dos capítulos do seu *Manual*, comum em boa medida ao programa oficial de 1872 de “Oratoria, Poetica e Litteratura”, apesar da crítica que lhe dirige (1875:VI), pode isto ser observado, a começar pela quantidade de páginas relativa destinada a cada um deles: entre as páginas 32 e 107 é focada em três capítulos a que denomina: “Primeira epocha: trovadores e cancioneiros”; quatro capítulos destina à “Segunda epocha: Escola Espanhola (sec. XV)”, entre as páginas 109 e 184. A “Terceira epocha: os quinhentistas”, “Escola classico-italiana”, ocupa oito capítulos, entre as páginas 185 e 339. A “Quarta epocha: os seiscentistas”, com a “Escola hespanhola ou gongorica” da 340 a 405, em três capítulos. A “Quinta epocha. As academias litterarias (sec XVIII)”, incluindo a “Escola classico-francesa” consta apenas de dois capítulos, entre as páginas: 406 a 448. O livro encerra com a “Sexta epocha: O romantismo”, com um capítulo que decorre entre as páginas 449 e 464, denominado a “Escola romantica”.

Pondo de parte a última das épocas, cuja menor extensão bem pode ser interpretada por uma concepção da literatura em que se tende a historiar o acabado e o afastado e não o próximo ou o que ainda está em curso, facilmente pode notar-se a interpretação que a história literária e, naturalmente, a história da *mentalidade portuguesa*, merece a Teófilo, com o seu pico na época quinhentista e a sua notória decadência no século XVIII. Dos vinte e um capítulos do seu manual, Braga dedica um ao que denomina: “A Arcadia Ulyssiponense – Dissidentes da Arcadia e a Nova Arcadia”. Singulariza com epígrafes próprias os seguintes autores: Gil Vicente, dedicando-lhe, ao todo, 17 páginas; Bernardim Ribeiro, 4; Sá de Miranda, 6; Ferreira, 6, Camões: 20; Rodrigues Lobo, 5, Francisco Manoel de Mello, 8 em total; Vieira, 4, Garrett, 15. Ao conjunto formado por Garção, Diniz, Quita e Figueredo dedica 5 páginas; a “Os dissidentes da Arcadia”, 4 e à “Nova Arcadia”, 5. Neste último capítulo, o XX; é onde foca a figura de Bocage, no seguinte rótulo: “A Nova Arcadia ou Academia das Bellas Letras: Bocage e José Agostinho de Macedo, caracter litterario de cada um.- Falta de sentimento nacional, e desconhecimento completo da tradição”.

Na página 436 afirma:

Os versos de Filinto não são bellos, mas é indispensavel o seu estudo para quem quizer metrificicar bem na lingua portugueza. Garrett, que tanto condemnava o elmanismo, ou imitação de Bocage, deve a pureza e vigor dos seus versos soltos ao estudo de Filinto. Pode-se dizer que desde a fuga de Filinto, até ao apparecimento de Bocage, a poesia portugueza não deu mais signaes de vida

6 A divisão em escolas na literatura portuguesa, que contava com o precedente de Bouterwek, seguido pela maior parte dos historiadores da altura, foi definitivamente fixada neste período por Teófilo BRAGA nesse mesmo ano, 1872, na sua *Theoria da historia da litteratura portugueza*, e influenciará muitos dos manuais escolares da época (Cf. CUNHA, 2002: 188-191)

E já sob a etiqueta de “A Nova Arcádia:”, lemos:

Os grandes sucessos políticos do fim do seculo e do principio do seculo XIX, não levantaram nenhum espirito com esse alto ideal que Dante exprime no seuol [sic] si rinnova; pelo contrario continuou a exercer-se nas cansadas banalidades, nos servis elogios dramaticos, e o que mais é, o estado da sociedade tornava mediocres aquelles que tinham uma faísca de genio, como Bocage.

A Nova Arcadia é denominada como “Sociedade anacronica” por Teófilo, que aplica agora os seus apriorismos directamente à Nova Arcádia e os seus protagonistas:

Quando se faz o sincronismo dos actos é que se vê o atrazo a que nos levou o esquecimento das nossas origens, e como a litteratura que primeiro comprehendeu o valor da tradição nacional se levantou com gigantes creações [refere-se à Alemanha]. A Nova Arcadia teve uma vida tempestuosa perturbada pelo humor dos seus socios M. M. B. du Bocage (Elmano Sadino) e Pe. J. A. Macedo (Elmiro Tagideu).

Depois de Camões, Bocage é o único poeta de quem o povo se lembra, e aquelle que lhe mereceu o privilegio de uma vida legendaria. O povo conhece-o como parasita vagabundo, repentista jocoso, e em volta da sua personalidade, agrupou todas as velhas aneddotas picarescas da sociedade do seculo XVIII, as feições mais caracteristicas do antigo regimen.

[...] Viagou também até Macão por 1789, regressando a Portugal em 1790, com vinte e quatro annos dissipados, que nunca mais o deixaram tomar a vida a serio. Em 1790 começaram as luctas contra os poetas da Nova Arcadia, que puzeram em relevo o genio Bocage, pela exclusom que lhe infligiram.

Conta, a propósito da prisom a que o destinou Pina Manique:

No meio de uma sociedade assim constituída Bocage entregou-se á crápula, e explorava o dom especial do improviso, de que era dotado. As suas composições eroticas tornavam-no querido dos ricos devassos. Bocage chegou a execer uma grande influencia na metrificaçã, tornado o verso mais harmonico, mas mechanic, pela continuidade de epithetos regularmente repetidos, e pelo uso de determinadas figuras de rhetorica.

Os seus Sonetos, tão admirados, são materialmente bem feitos, mas sem ideal, sem esse espirito de melancolia e profundidade que só se encontra em Camões. As suas qualidades brillantes accenderam a inveja do Padre José Agostinho de Macedo; n’esta lucta mostrou Bocage a intima relação que existe entre o genio improvisador e a satyra. Bocage foi accusado de pedreiro livre em 802 á Inquisição, e terminou a sua vida esgotada na orgia em 21 de Dezembro de 1805. É considerado como excelente traductor, o que é uma qualidade negativa do seu genio inventivo.

O temperamento irascivel de Bocage é tambem a qualidade distincta do Pe. J. A. Macedo, aggravada por uma vaidade impossivel, por uma vasta leitura superficial, e por nenhuma dessas virtudes que tornam Bocage sympathico.

e fai a Bocage esta derradeira referência (p. 440):

Como Lobo de Carvalho, como Bocage, Macedo pertence a essas naturezas desesperadas com que ás vezes um seculo protesta contra a falsidade das ideias moraes e politicas em que se vive pela alliança da inercia com a da auctoridade nunca disntida.

A poesia do seculo XVIII exprime a profunda degradação oral do tempo, tornando-se linguagem da devassidão

De resto, a doutrina romântica fabricada sobre Bocage, triunfava no campo da crítica literária, mesmo se os seus cultores eram de tendências ideológicas e estéticas contrárias. É o caso de Camilo Castelo Branco no seu *Curso de Litteratura Portugueza*, saído em 1876 em dous volumes. Camilo dedica extensa parte, em geral equilibrada com as outras divisons, ao Século XVIII e trata de Bocage sob a epígrafe “A Nova Arcadia”, começando por criticar a Teófilo Braga, a quem censura incorreções e sentença com esta nota de rodapé (1876: 255):

Fecharemos o Manual de litteratura do sr. Dr. Theophilo Braga, declarando que uma sabia allemã, segundo abi

as gazetas apregoaram, o está trasladando. Deploramos que vá de Portugal para a Alemanha um livro inçado de erros, de incongruencias, de ignorancias; e mais nos doe que isto se averigüe e depure n'um paiz doutissimo d'onde vieram para Portugal excellentes subsidios a respeito da nossa litteratura, rubricados por Bouterweck, por Christian Belerman, e Ferdinand Wolf.

Mas Camilo nom mostra maior apreço que Braga pola obra de Bocage. Ecoa naquele a popularidade bocageana forjada no seio do povo frente ao conhecimento dos seus textos [(1876: 256) “Manuel Maria de Barbosa du Bocage, o poeta cuja popularidade lhe sobreviveu meio seculo, e será ainda conhecido pelo nome quando já ninguém lhe conhecer os livros”], fala da sua “vida estragada” entre 1790 e 1797 e perspectiva-o como refugiado depois na religiom, “preso das turbas”, o que significa a fixaçom da ideia dum Bocage arrependido por umha pretensa vida devassa. A ausência de sublimidade no poeta, em concordância com juízos como os de Teófilo caracteriza-a assim o autor deste *Curso*: “sem originalidade no pensamento, dá ares de creador pelo resalto das côres”.

Este era o teor geral das apreciaçoms sobre a vida e a obra de Bocage no campo. Apesar de que Teófilo, ao editar em 1885 o seu *Curso de Historia da Litteratura Portugueza* lamente o fracasso desta sua *História* de 75, a pouco que se analise, poderá verificar-se como o modelo braguiano é apertadamente similar à estrutura dos manuais da altura, e mesmo às perspectivas, mais esquemáticas, utilizadas. Bocage nom entrava dentro dos *corpora* nem morais nem ideológicos de grande parte dos detentores de poder simbólico nos campos educativo e cultural, fossem eles conservadores ou progressistas na sua concepçom político-social. Já no período ministerial de José Luciano de Castro, que também assumia a pasta dos Negócios do Reino, o *Diário do Governo* de 3 de Novembro de 1888, publica um “Programma da lingua e a Litteratura portugueza”, assinado polo “Conselheiro director geral da Instrucção Publica”, António Maria de Amorim, que inclui, entre as suas novidades, levar aparelhada a “lista dos livros approvados pelo conselho superior de instrucção publica, para servirem de textos e leitura nas aulas de instrucção secundaria, durante o anno lectivo 1888-1889”. Som eles, por esta ordem e para o caso que nos ocupa: *Selecta portugueza*, de Luiz Filipe Leite, *Selecta nacional*, de Caldas Aulete, a *Estylistica* de A. A. Torres de Mascarenhas, o *Manual de stylo*, de Delphim Maia, o *Curso elementar de litteratura portugueza*, de Simões Dias, a *Historia da litteratura portugueza*, de Teófilo Braga, a *Teoria da Litteratura* de Delfim Maia; a *Poetica*, de Simões Dias, a *Antologia portugueza* de Teófilo e as *Poesias selectas* de Midosi. Temos, assim, explícito e fixado ao lado do Programa o elenco de manuais preceptivos e aprovados polo Governo. Também, para Primária, som aprovados mais alguns livros, entre os quais, a *Selecta portugueza*, de Leite, na sua terceira edição, e a *Selecta nacional*, de Caldas Aulete. O trabalhos de Teófilo nom só é recomendado, mas é o único autor, juntamente com Simões Dias, que tem dous livros na lista. Ora, mais, e mais importante: apenas os manuais destes dous autores se referem especificamente ao estudo da literatura portuguesa. As ideias de Teófilo com relação a Bocage e ao seu entendimento da literatura já as conhecemos. Pois bem, as de Simões Dias som a esse respeito, no todo, decalcadas de aquele. No seu *Curso elementar* (1875, 1892 sétima ed., por que cito) dedica mais páginas a Camões, Francisco Manuel de Mello, Vieira, Garrett, Castilho e Herculano que a Bocage. E, sobre este, fai afirmaçoms, sob o rótulo “Lyricos da Nova Arcadia”, introduzidas assim: “além de José Agostinho de Macedo merecem menção os seguintes poetas”, como estas (264-266):

Nos sete annos a seguir, [1790-1797] Bocage soltou redeas a toda a casta de paixões, revoltou-se contra o formalismo litterario da sua epoca, não escrupolisou na escolha das companhias que lhe exploravam a popularidade, nem na selecção dos assumptos que lhe poluíram o talento, feriu cruelmente com apodos e motejos os seus confrades da Arcadia, nomeadamente o presidente padre Caldas Barbosa, o velho França e Amaral, o abbade de Almoester, e Curvo Semedo discípulo de Filinto Elisio, o seu antigo amigo José Agostinho, e finalmente solicitado pelo seu temperamento fogoso e pelo meio deleterio em que vivia, ao mesmo tempo que alegrava com chistes e improvisos os boatequins e alcouces, escandalizava com as licenças da sua musa libertina as susceptibilidades do governo de D. Maria I e a gravidade official do intendente de policia Diogo Ignacio de Pina Manique. Pelo que foi preso em agosto de 1797, sendo-lhe aprehendidos os papeis, em meio dos quaes foram achados livros impios e licenciosos como os de Rousseau, Helvetius e Diderot e a celebre epistola Verdades amargas, poemeto conhecido pelo nome de “Pavorosa illusão da eternidade”.

[...] Bocage ainda boje é um typo que se nos figura aureolado pelos sinistros fulgores da desgraça e pelas risonbas

scintillações do genio. A sua veia de repentista, a graça dos epigrammas, a irreprehensível perfeição dos seus sonetos, a facilidade das suas trovas, á parte da obscenidade da sua musa em boras infelizes, grangearam-lhe a merecida popularidade que dura ainda em todas as classes da sociedade portugueza. Dispondo de eminentes qualidades poetica, imaginação, viveza, originalidade e senso artistico, teria deixado obra immortal como Luiz de Camões, seu constante modelo, se a fatalidade do meio não o tivesse arredado do estudo util e da vida regular. Entretanto deixou excellentes modelos de composição em todas as especies lyricas.

Mesmo em tomadas de posição resistentes a esta secundarização de Bocage, utilizando parâmetros similares aos que funcionavam na lógica de legitimação desse campo, pode apreciar-se como essas ideias sobre a imperfeição bocageana assentavam: Em 1888, sai à luz, com sede em Torres Vedras e Lisboa, o periódico *Bocage: semanario litterario, scientifico e noticioso*, tendo como “Director litterario” Angelina Vidal, republicana, socialista e, portanto, correligionária de Teófilo. Mui na linha deste tipo de periódicos, que começavam a desenvolver-se na altura, este *Bocage* apresentava-se, nom com a “pretenção de resolver complicados problemas”, mas destinado a “ser uma verdadeira ENCYCLOPEDIA DE CONHECIMENTOS HUMANOS, ao alcance de todas as intelligencias, e onde todas as pessoas curiosas encontrem distracção e utilidade”. Bocage aparecia assim e agora como emblema da instrução social e, ao mesmo tempo, modelo revolucionário, vinculado à ilustração geral, aqui longe da negação modelar que Teófilo e outros lhe atribuíam. De facto, o semanário abre com o “Estudo sobre os homens illustres do século XVIII”, dedicando o primeiro e seguintes capítulos a Manoel Maria Barbosa du Bocage, “o mais genial dos talentos poeticos da nossa patria, depois de Luiz de Camões”, aceitando, pois, a primazia camoniana que os republicanos também estavam impulsionando a respeito do autor d’*Os Lusíadas*, mas nom aceitando a visom braguiana sobre Elmano.” É tempo de fazer-se completa luz, justiça completa”, dizia Vidal, “acerca d’esse glorioso nome, tão abandonado ao olvido, ao tempo em que dezenas de nullidades ahi se pavoneiam na ridicula presumpção de imagináveis meritos”. “Bocage”, prosseguia a autora, “o grande poeta tão leviaamente julgado por levianos julgadores, foi verdadeira synthese de um periodo anormal, influenciado por duas correntes que se entrechocavam formidandamente – a statica e a dinamica social”. “Este grande homem”, continua, “foi superior ao seu tempo, e por isso não foi comprehendido dos seus dos seus cóevos por quem elle devia nutrir o desprezo da aguia pelo reptil”. E concluía:

Não é, porém, de estranbar que assim succedesse; jamais um grande genio logrou ser julgado com justiça pelos contemporaneos. A intriga, a calumnia, a maledicencia, fructos deleterios da inveja maldicta, espreitam, atraiçoam e atacam a presa com as astucias covardissimas do tigre.

[...] *No relogio das eras soon a hora de apresentar ás gerações o nome illustre do poeta Bocage illuminado pela verdade, desprendido das ninbarias em que o envolveram*

Angelina Vidal cita na continuação deste texto o poema de Bocage dedicado a Camões, ao lado de anedotas protagonizadas por ele e da “Epístola a Marília”.

Ora, estas considerações nom obstem para que o ‘senom’ que parece intuir-se nessa apreciação de ele ser “verdadeira synthese de um periodo anormal” se prolongue em determinadas censuras que deixam imperfeita a figura aos olhos dos receptores. Assim no número 5, prosseguindo a sua análise, a directora literária deste Bocage adverte que, “quem quizer avaliar o espirito do poeta nom vá procural-o entre o redemoinho faceto dos sonetos satyricos”. “Ahi”, continua, “apercebe-se o fel das suas desillusions, o desdem das pessoas e das coisas, a duvida latente de um caracter agitado, nervoso e reluctantante”. E, apesar de apresentá-lo como poeta incomprehendido polo vulgo (“que só queria a sua gargalhada”), “missionario da revolução litteraria em Portugal”, “inspirado nos progressos philosophicos e politicos d’aquelle extraordinario cyclo, não poude reprimir em si a torrente vibrante de aspirações”, perseguido polas suas crenças filosoficas e proclamar ser “de pé que as gerações o devem lér porque esses quatorze versos [refere-se ao soneto “Liberdades onde estás? Quem te demora?”, que cita integralmente] fazem de Bocage o contemporaneo de todos os espiritos revolucionarios”, escreve Vidal, no número 7:

Immortal elo seu prodigioso talento, Bocage nom foi comtudo um homem de instrução superior, como poderia sel-o se o tempo dado a trabalhos estereis empregado houvesse sido no estudo sensato, activo e poficuo. E d’aqui a pouca

firmeza de convicções philosophicas. Se em vez de satyra individual se tivesse espraído na analyse ethologica do seu tempo, se em vez de esbanjar a scintella do seu genio maravilhoso em pequenos trabalhos desligados tivesse trahido um plano, e produzido um monumento como podia fazer, a arte apontaria hoje entre os seus mais brillantes trophæus os trabalhos do maior dos poetas lusitanos —porque Bocage teria sido o maior d’elles.

Já, no número 8, a autora critica o *génio perdido*: “de lamentar é que tanto engenho, tão preclaros dotes intellectuaes, se esbanjassem inutilmente em cantar *Armas e Marilhas*”, e, focando os improvisos e a veia humorística de Elmano, argüi:

Foram, porém, esses pequeninos triumphos que mais prejudicaram a carreira do grande poeta. Sem elles o seu grande espirito ter-se-hia dedicado a estudos sérios, e a historia da evolução intellectual do nosso paiz no seculo XVIII poderia ufanar-se do maior dos seus prodigios.

Este homem extraordinario, que podia ser um dos primeiros dos tempos actuaes, descurou a gloria mais importante do genio — SER UTIL. Immergido em atmosphera tepida e enervanto (sic) de lirismo erotico, embriagado pelos appalulos das multidões banaes, nao profundou, não estudou os phenomenos historicos que se desenvolviam em volta d’elle, enroscando-se na consciencia dos povos como serpentes de luz;

E ele podia ter feito muitissimo em favor da civilisação.

A gloria ficticia prejudicou a gloria real. Nunca Bocage devia ter recuado na verdade brillante das suas affirmacões e livre pensador e liberal. Se a voz da razão se impuzesse acima das laudatorias aclamações de momento, o inimitavel poeta não hesitaria entre a consciencia e o despotismo. E tanto mais que já tinha em Filinto Elysio o mais nobre e brillante exemplo

E conclui o extenso artigo, já no número 9, destacando os seus *apólogos* (“é aqui que se revela o sentimento moral do grande homem. Cada um daquelles apologos é uma lição, e synthetiza um pensamento de justiça”) e clamando por umha grande homenagem nacional a Bocage.

A imagem dum Bocage *insuficiente*, devasso, mundano, afinal condicionado por um “período anormal”, apesar do seu génio, incapaz por exemplo de fazer o grande monumento poético (difícil nom é inferir a comparaçom implícita com Camões e *Os Lusíadas*), dependente da sua emulaçom camoniana, nela secundarizado, cercavam a possibilidade de centralidade em Bocage, que só podia ter reconhecimento e legitimaçom se amputada parte, importante-, da sua obra e da sua vida; mas essa mesma amputaçom (de que nutria a sua popularidade, em boa medida) era recordatório e negadora perenes, como pescada que morde o rabo, da sua inviabilidade como figura modelar e indiscutível: os ‘defeitos’ bocageanos nom eram como os que podiam apontar-se em Camões ou Garrett: afectando a moral e a ideologia dominantes, atingiam categoria de alfândega intrasponível para ser prístinos exemplo e espelho da Naçom.

Tinha, aliás, Angelina Vidal razons para queixar-se do vulgo que, ela julgava, apenas queria “a sua gargalhada”. Três anos mais tarde a este Bocage, outro, de título completo Bocage em camisa: *semanario realista*, conhecia a luz na Typographia Instantanea de Lisboa. Este semanário, que explicitamente quer filiar-se na *escola realista* (e na polissemia da denominaçom), abria o seu número 1 com um “Prelúdio” assinado por Caramão, com este texto:

Bocage deixou entre nós o gosto pelo exótico, e, embora levasse para o tumulto o segredo do soneto ardente, provocante e allegre pela essencia, bello, grandioso e unico pela fórma, este semanario propõe-se seguir a escola d’aquelle vulto, tomando para assumpto tudo que possa excitar o riso n’um conto verdadeiramente bocagiano, phrase realista, espirito facetó e caustico com que o notavel poeta feria os costumes da sociedade do seu tempo, que, como a de hoje, apparentava gravidade e compostura, mas que tornara Lisboa em uma nova Sodoma e enchia a Santa Casa da Misericordia de fructos dos seus amores. [...] O nosso programma é pois, -rir- e rir á altura d’um Bocage modelo, d’um Bocage em Camisa

E prosseguiu, na “Reabertura” do número 2:

No sub-titulo — SEMANARIO REALISTA — talvez alguém visse que havia a reservar a sua leitura para

momento em que o Pudor e a Castidade fossem dar um passeio até á casa onde seus avós, o Recato e a Pureza, estivessem jogando o loto, embora a um canto observassem menina Bregeirice Encapotada a conversar muito animadamente com o primo Sem Decora.

O nosso Bocage, porém, apresenta-se em camisa, é factó, mas com uma camisa que, sem ser de onze varas, lhe oculta as fôrmas até ao tornozelo.

Aquelle receio foi, pois, infundado desde que a leitura não é d'um realismo que descambe em linguagem de viella.

Tomavam, pois, a linha que Teófilo, Vidal e outros rejeitavam em Bocage, a mesma que o tornava popularmente conhecido. E acatavam-se perante umha recepção exagerada aos fins jocosos que perseguiram, mostra evidente de que ela existia com raízes firmes.

Essa *insuficiência* de Bocage a que venho aludindo, reflecte-se mesmo em autores que perseguem umha reabilitação e exaltação da sua figura, enfrentando-se aos postulados de Teófilo Braga. Em 1896, António Maria Baptista publica *Bocage e os contemporaneos*. O livro é dedicado ao professor e autor do recomendado *Exercícios de Leitura* Luiz Filipe Leite de quem se inclui umha carta em que afirma: “Para quem quizer fazer ideia do que foi aquelle genial poeta, encarado por todas as phases, social, moral, psicologica e esthetica, tem no seu livro, sem grandes cancelas, completa informação”.

Baptista, no prólogo, começa por salientar a popularidade de Bocage, “poeta ainda vivo na memoria do povo como diz o emminente escritor Rebello da Silva”. Nom se trata, pois, a açom de Baptista dumha qualquer exumação ou dum resgate dumha figura esquecida, mas o prolongamento dum *continuum* popular que nem sempre encontra eco na legitimação do campo da crítica literária onde se encontra “tão abandonado ao olvido”, como dizia Vidal. E, como antes esta, e frente a apreciações positivas sobre o autor apenas em dimensões e géneros considerados periféricos no campo da altura, elabora um discurso que visa, dumha parte, mostrar a relevância bocageana em função dos parâmetros de legitimação do momento e, doutra, elevar o grau de legitimação de fórmulas por ele utilizadas e no momento interpretadas como menores. Nesse mesmo prólogo explicita estes propósitos: “Emquanto uns consideram Bocage apenas como um improvisador feliz, permita-se que eu o considere como um dos maiores talentos poeticos do seu tempo; e quer Deus que tenha companheiros muito illustres n'esta apreciação”.

Note-se que a vertente de “improvisador feliz” é precisamente a que lhe garante parte do apreço de que nutre no espaço social e que, ao mesmo tempo, lhe impede umha consagração importante dada a minorização existente sobre este molde.

Num propósito desta índole, é esperável um combate aos princípios braguianos, explícita ou implicitamente. E, com efeito, Baptista enfrenta vários desses princípios, a começar pola crítica à ausência de ideias. Cita, assim, o seguinte trecho de Braga, que depois glosa (1896: 69-70):

“Bocage [di Teófilo] exerceu grande influencia na metrificação, tornando o verso mais harmonico, a rima mais facil, mas prejudicado por um parallelismo pomposo com que encobriu a carencia de idéas”

Prestando, como devo, testemunho do meu respeito pelo muito talento e saber do illustre professor e academico, permita-me s. Exca. que eu discorde da sua opinião

Que se requer para ser um poeta e não um versejador' Incontestavelmente imaginação creadora, viveza de imagens, sentimento e paixão; (nada d'isto se faz sem idéas) isto afóra a belleza da fôrma, a perfeição artistica.

Pois tudo isto teve Bocage em subido grau

E páginas adiante comenta (1896: 74):

No Manual de litteratura nacional do mesmo illustre professor, a páginas 438 se encontra quasi a mesma idéa, dizendo:

Bocage chegou a exercer grande influencia na metrificação; tornou o verso mais harmonioso, mas mechanico, pelo uso dos epithetos [...] melhorou a fôrma, mas tambem elevou o conceito [...] Bocage é considerado como excellente traductor, o que é umha qualidade negativa do seu genio inventivo.

A réplica de Baptista, como é de esperar, centra-se, como antes ficou dito, na defesa do ‘génio’ bocageano em todas as formas poéticas, réplica que vai acompanhando as apreciações feitas por outros

analistas, sobretudo as de Teófilo e de Garrett, procurando legitimar os géneros praticados por Bocage e exaltar essa prática. Veja-se, como exemplo, este teor a propósito do Bocage repentista (1896: 103)

O sr. Dr. Theophilo Braga, bem como alguns outros criticos de menos vulto, tem em pouca conta o dom de repentista que Bocage possuia, e em que nenhum poeta antes nem depois o egualou, e consideram esse dote como de nenhum valor para aquilatar a grandeza do estro de qualquer poeta. Sou de opinião contraria

Ora, num terreno de jogo como este, em que o autor, como vimos, proclama a *auctoritas* de Braga, e de Garrett (prova da centralidade destes), e está obrigado a assumir para a sua argumentação precisamente o combate às regras de jogo por aqueles impostas (nas apreciações morais ou patrióticas, nas classificações e hierarquias de géneros, e nos objectivos que as subjazem, as possibilidades de sucesso som mínimas. Mais quando o advogado, como neste caso Baptista, aceita os mesmos critérios de que se nutre o *corpus* ideológico e moral de Teófilo Braga, neste caso ainda levados a extremo mais rigorista. Assim, conta anedotas de Bocage (especialmente com Bingre), anedotas que acrescentavam a popularidade de Bocage na medida em que diminuiam a sua possibilidade de consagração; e, salientando, por géneros, a ‘grande pena’ de Bocage, o autor, que nom se demora naqueles mais políticos e reivindicativos, observa sobre os que julga de “alto conteúdo erótico ou pornográfico” (1896: 102)

No genero erotico, em que Bocage tanto desperdiçou o seu grande estro, ha composições de subido valor poetico, pelo conceito e pela fórma; e ao lê-las somos levados a dizer: Mal empregado primor em tal assumpto. Mas por grande que seja o merecimento d’essas composições, claro está que não podiam ter cabimento n’este livro”

E conclui com umha declaração que aceita a subalternidade de Bocage (1896: 114):

Todos os que teem algum amor pelas letras patrias lamentam que Bocage não empregasse o seu peregrino talento em uma obra que lhe desse nome e á patria, como fez Camões com os Lusíadas. Teem razão os que lamentam a má orientação de Elmano.

Mas sejamos justos. Bocage teve curta vida; aos trinta e nove annos (pouco mais) baixava á sepultura, e já ha muito o minava a doença de que succumbiu; quando entrou no caminho da seriedade, do trabalho util, do viver bonesto e digno, estava á beira do tumulto. Quem toma conta ao homem de trinta e tantos annos dos seus actos de rapaz, quando esses actos não são crimes mas sim loucuras? Ah se fossemos a julgar o homem feito, o homem na idade da prudencia e da reflexão pelas ações da sua mocidade, se isso pudesse fazer corar de vergonha, a quantos homens illustres nas sciencias e nas letras, não veriamos subir-lhes a côr ás faces! Camões, o grande Camões, teve por ventura uma mocidade modelo de prudencia e de seriedade? Apesar de tudo isto Bocage falleceu deixando começados, e já muito adiantados, trabalhos poeticos importantes

Mais umha vez, obra e vida de Bocage apareciam vulneráveis. A perspectiva de Baptista coloca-o a exame e fai emergir a insuficiência de que falei: a conclusom é que Bocage pudo ser, mas nom foi, e que deve ser aprovado polo indício e nom pola realização. Destarte, a obra de Bocage nom é submetida a umha análise que permita fazê-lo ombrear com os consagrados, mas indicar as suas potencialidades. A declaração de Baptista certifica umha vida desregrada só tardiamente resolvida, umha “má orientação” e ausência de patriotismo ao nom fazer esse monumento que também Angelina Vidal lhe reclamava. De resto, a comparação com Camões era fraco expediente para um campo em que, esmagadoramente, era aceite como principal capital literário *Os Lusíadas* e a mesma figura de Luís Vaz, e para um espaço social cujos interesses dominantes nom consentiriam que nengumha sombra perturbasse a construção política nacionalista e estética construída à sua volta⁷.

Quando chegue o centenário da morte de Bocage, este conhecerá vários homenagens, participando no mais relevante deles, o de Sétubal, Teófilo Braga, convidado pola Câmara da cidade. Com esse mo-

⁷ E os problemas, morais, que a obra de Camões pudesse levantar, eram resolvidos por meio dumha censura a que, no seu implícito, nom se dava nem reclamava explicação e que, na ausência dela, nom abaixaria a figura erigida. É o caso do Programa Geral para o Ensino Secundário, publicado no *Diário do Governo* por meio das Portarias de 13 de Setembro de 1905 e Decretos de 3 de Novembro do mesmo ano, que singulariza a recomendação d’*Os Lusíadas* para a IV e V Classes excepto o seu canto nono e as “convenientes omissões”.

tivo, em período de especial exaltação de Elmano, Joaquim de Araújo publica, com data de 1906, um opúsculo intitulado “A ‘Vida de Bocage’ do Sr. Theophilo Braga”, com e palavras como as seguintes (pp. 3-4):

O nome do sr. Theophilo Braga estava indissolúvelmente ligado á gloria de Bocage: -separal-o do jubileu do Poeta era não atingir a grandesa dêste, e continuar na tradição abusiva do homem das anedotas pícaras e dos improvisos de abbadessado. Não! Bocage era mais que isso-, e esse precisamente fôra o lado fragil e inferior do seu talento, que um meio devoto e cesarista levantara, na unica forma em que lograra comprehendel-o. O homem de pensamento, mais forte que as Arcadias -, amarrado ao pesadê-llo de uma sociedade em dissolução-, esse exchumou-o o sr. Theophilo Braga da necropole do seculo XVIII. Redivivo e atrabente, o amamos agora, sem destemperos de casos comicos, como um iniciador amordaçado, como uma vítima acorrentada a um pôtro: - a caricatura acabou, diante da realidade.

O texto é perfeita síntese do pensamento dominante sobre Bocage no campo da crítica literária portuguesa que, antes Garrett, e depois e sobretudo Teófilo, firmara. A *doutrina* Braga vingava, como em geral a sua apreciação do século XVIII, mas a corrente da recepção popular, que reforçava a negação de centralidade de Bocage no campo literário português, também não cessava..., representada por exemplo nas sucessivas edições de *Bocage* (Manoel Maria Barbosa du). Elmano Sadino. *Contendo muitas poesias, satyras, anedotas e improvisos do egregio poeta*, que na altura saída das oficinas da Empreza Litteraria Universal, de Lisboa.

O proclamado, e aceite por todos os intervenientes, poeta mais popular depois de Camões diluía-se entre o conjunto de escritores *incontestáveis*, como aquele ou Garrett, na elaboração canónica portuguesa, processo que o ensino oficial, vedado ainda mais que o campo da crítica literária a determinadas *imoralidades* e atento às fórmulas nacionalistas triunfantes, não fará mais que firmar e alargar. O poeta que traçou o seu paralelo com Camões, com alguma fortuna histórica, perdia terreno no processo de canonização do século XIX precisamente pelas mesmas razões que Camões o ia ganhando.

Como sabemos, o estudo da literatura *nacional* nos estados europeus que regulam estatalmente o seu ensino desde o século XIX, tem como objectivos a comum identificação e coesom nacionais dos indivíduos atingidos pelo exercício do poder desse estado. Tem outros, certamente, como a aprendizagem (de modelos) da língua definida como nacional, fixando para isso umha *koiné* sustentada em autores e preceitos; ou impor (determinado) gosto literário e animar à leitura e à composição. Mas estes vão dar, no objectivo final, ao alvo da identificação e da coesom. Esses estudos visam também educar nuns determinados valores, os proclamados pelos detentores do poder, inculcando as suas projecções do belo, do útil, do bom e do verdadeiro, amiúde reunidos num cânone que espelha e transmite essas escolhas prévias. A história da literatura passa a ser, assim, apresentada e imposta como umha parte da história da comunidade, em que o conjunto da comunidade, de regra, não está. Esta afirmação, cada vez mais aceite, encontra, no entanto, na prática, resistências no campo da historiografia e do ensino literários, precisamente porque estes estão conformados sobre a base desses objectivos, que acabam por interiorizar de tal maneira o que é construído e imposto que o percebem como *natural e lógico*. E mesmo deduzem o que apenas procede da legitimação dumhas visões e divisões concretas e nunca universais como derivado dum *consenso* e dum *saber*. É aqui onde podemos ver, com maior clareza, a atitude dos dominadores do campo do poder e do campo da crítica literária.

A fabricação da nação levada a cabo por Teófilo e pelos muitos que o sucederem nesse objectivo, que, como vimos, incluía o estudo literário como espelho e informe dessa entidade, não podia admitir Bocage como modelo nem reflexo da nacionalidade nem da moralidade que se pretendia. Só modificados os interesses em jogo e/ou as posições dos agentes com maior poder, os princípios alegadamente estéticos que se argüem ou as condições sociais que os regulam, autores como Bocage podem vir a ter maior sucesso nos âmbitos referidos. Mas ainda somos devedores da construção decimonónica da história da literatura e dos seus interesses. Por essa via, moral e “falta de sentimento da nacionalidade” poram Bocage fora do Paraíso literário português. Curto-circuitado, ademais, pela sua *popularidade* que o princípio de distinção dos agentes centrais do campo da crítica e os seus objectivos não podiam aceitar

Bibliografia citada

- ARAÚJO, Joaquim de (1906) *A vida de Bocage do Senhor Teófilo Braga* / Joaquim de - Génova: Tip. Pietro Pellas.
- BAPTISTA, António Maria (1896): *Bocage e os contemporaneos* Lisboa: La Bécarre
- BECKFORD, William (2003) *A corte da Rainha D. Maria*. Correspondência de William Beckford. Lisboa: Frenesi.
- BILAC, Olavo (1917): *Bocage: conferência realizada no Theatro Municipal de S. Paulo em 19-3-17* / - Porto: Renascença Portuguesa.
- Bocage em camisa: semanario realista*, Lisboa, Typographia Instantanea.
- Bocage: piparotes litterarios* (1865-1867), Porto, Typ. de Manoel José Pereira
- Bocage: semanario litterario, scientifico e noticioso* (1888), Torres vedras – Lisboa, prop. F. A. d’Aguiar.
- BRAGA, Teófilo (1872): *Theoria da historia da litteratura portugueza*, Porto: Imprensa Portugueza
- BRAGA, Teófilo (1875): *Manual da Historia da Litteratura Portugueza desde as suas origens até ao presente*. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz
- BRAGA, Teófilo (1876): *Bocage: sua vida e epoca litteraria*, Porto: Impr. Portugueza (Bibliotheca da actualidade; 26-27)
- BRAGA, Teófilo (1885): *Curso de Historia da Litteratura Portugueza*, Lisboa: Nova Livraria Universal
- CASTELO BRANCO, Camilo (1876): *Curso de Litteratura Portugueza*.
- CASTILHO, António Feliciano de (1867): *Cartas do Ex.^{mo} Sr. Antonio Feliciano de Castilho e da Camara Municipal de Setubal a respeito do monumento a Bocage*, Setúbal: Tipografia de José Augusto Rocha.
- CASTILHO, António Feliciano de (1871): “Na inauguração do monumento a Bocage em Setubal”, Lisboa: Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes .
- CASTILHO, José Feliciano de (1867): *Manoel Maria du Bocage seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juízo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua: excerptos*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier.
- CUNHA, Carlos (2002): *A Construção do discurso da história literária na literatura portuguesa do século XIX*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho.
- GARRETT, J. B. Almeida (1826-1834): *Parnaso lusitano ou poesias selectas dos autores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas*. - [1ª ed.]. - Paris: J. P. Aillaud. Acessível em <http://purl.pt/25>
- HERCULANO, Alexandre (s.d.): “Elogio historico do socio Sebastião Xavier Botelho” in *Memorias do Conservatorio Real de Lisboa*, Lisboa, T. II, pp. 25-34
- LOUREIRO, Urbano (1867): *Bocage: annuario de cacholetas*, Porto: Typ. Lusitana.
- PEDROSA, José Manuel (2003): “*Esopo, Dante, Giotto, Camões, Quevedo, Bocage, Pushkin... y Bajtin (o la metamorfosis del autor en personaje)*”, *Literary Research/ Recherche littéraire*, 20.39-40, pp. 179-191
- QUINTAS, Maria Conceição, coord. (1993): *Monografia S. Julião*, Setúbal, Setúbal: Junta de Freguesia de S. Julião, 1993.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos (1993), “Pícaros e Malandros no Cordel: uma Galeria de Tipos”, *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, nº 9, pp. 121- 136
- Satira dirigida pelo Padre J. Agostinho de Macedo, ao bem conhecido poeta M. Maria Barbosa Du Bocage*
- SILVA, Luiz Augusto Rebello da (1848): “A Eschola Moderna Litteraria – O Sr. Garrett”, *A Epoca. Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura e Bellas Artes*, nºs. 7-10, 15-16, 25 e 27, pp. 105-109, 121-124, 136-139, 152-156, 234-238, 249-253, 388-391 e 421-424.
- SILVA, Luiz Augusto Rebello da (1857): “A Arcadia Portugueza”, *Annaes das Sciencias e Lettras, publicados debaixo dos auspicios da Academia Real das Sciencias. Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras*, pp. 57-87, 147-168 e 197-216.
- SILVA, Luiz Augusto Rebello da [(1905 1877)]: “Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage, do character das suas obras e da influencia que exerceu no gosto e nos progressos da poesia portugueza”, in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*,

Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Artes, Nova Série, T. I, P. II, 2º ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pp.61-176 [15/5/1877]

